

# **IV**

## **EXPERIÊNCIAS**

## Ecofeminismo: encontros, perguntas, provocações

Entre os dias 4 e 7 de setembro de 1997, foram convidadas pelo Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina (NETMAL), duas integrantes do coletivo Conspirando, Elena Aguilar e Luz Maria Villarroel para assessorar um seminário sobre ecofeminismo, em São Paulo, para umas 25 pessoas. Esse foi um bom momento no qual partilhamos nossas perguntas, nossas formas de trabalho, nossas buscas para conquistarmos “espaços seguros” nos quais fosse possível integrar a reflexão e a celebração, quer dizer, integrarmos nossos corpos e idéias.

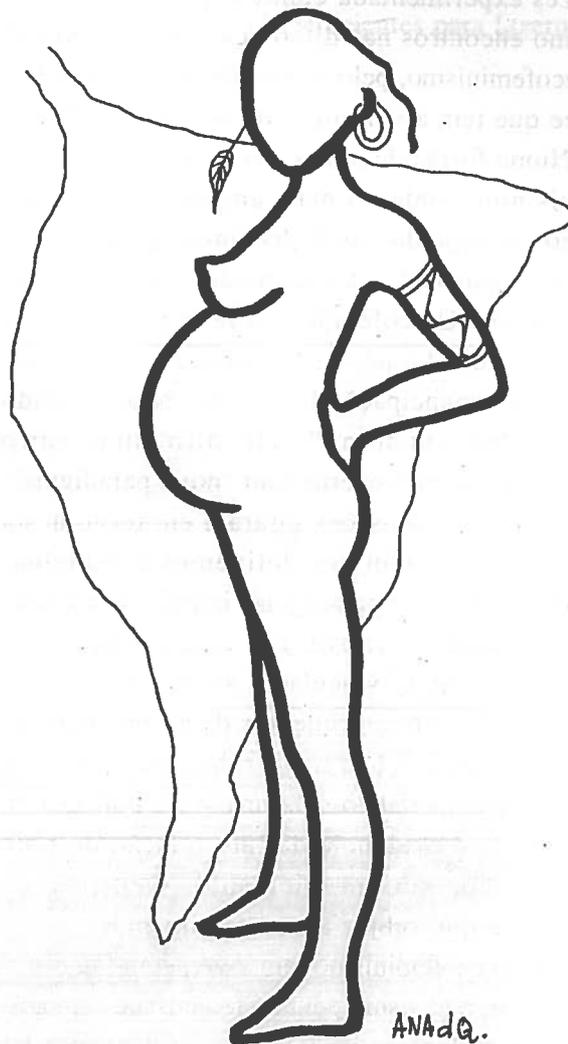
### O seminário:

Começamos estabelecendo e pondo em comum o percurso da palavra *ecofeminismo*. Como essa palavra *ecofeminismo* entrou em nosso vocabulário? Um trabalho com a memória nos pareceu necessário para situar, assim, o seminário em nossa história pessoal e coletiva. Em que momento começou a se juntar o feminismo e a ecologia? O que falamos acerca da “mulher e o meio ambiente”? Que percurso pessoal, teológico, político, espiritual, ideológico temos feito nos últimos 10, 20, 30 anos...? Estas perguntas nos possibilitariam o esclarecimento daquilo que estávamos procurando (será que alguma coisa se perdeu e ainda temos alguma expectativa de encontrá-la?).

---

Publicado em “Conspirando”, Revista latino-americana de ecofeminismo, espiritualidade e teologia, março 1998

Trad. Maricel Mena



Fizemos, então, uma viagem com nossa imaginação através do tempo pelas últimas décadas, anos 70, 80, até regressar aos 90, procurando encontrar imagens, símbolos, lembranças que nos falaram daquilo que nos tem dado sentido em um determinado momento da nossa história. No partilhar de nossas lembranças, uma memória comum se fez visível. Cantamos as mesmas músicas, queríamos “transformar o mundo”, conhecemos violências similares. Na medida que ficávamos perto dos noventa, iam desvanecendo-se os pontos de referências em comum, (nenhuma música nos convocava). Dissemos que, possivelmente, se tratasse de tempos de buscas de novos gestos. Tempo de diversidade – às

vezes experimentada como dispersão, às vezes como encontros nas diferenças. Seja como for, o ecofeminismo, pelo menos por estes lados, parece que tem a ver com esta última década.

Numa forma de situar nossas trajetórias pessoais num contexto mais amplo, examinamos logo em seguida, em linhas mais gerais, o que alguns nomeiam o debate modernidade/pós-modernidade. O ecofeminismo faria parte de uma crítica radical à pós-modernidade e a seus projetos de emancipação/libertação. Neste sentido seria “pós-moderno”. Ou dito num outro linguajar, se inscreveria num “novo paradigma”. Muitas das discussões giraram em torno desta questão. Também nos detivemos a examinar como esse “novo paradigma” implicaria em uma determinada (nova?) cosmologia. O ecofeminismo se vincularia, através desta reflexão, com os descobrimentos da assim chamada “nova ciência”. Um novo relato da origem (o universo autocriandando-se), uma visão holística do universo, a evidência da interrelação do todo com tudo, seriam elementos centrais da episteme que subjaz ao ecofeminismo.

Mas o ecofeminismo tem a ver, como já dissemos, com o ativismo político feminista e ecologista. “As mulheres têm interesses e necessidades específicas para se fazerem ecologistas”, diz a ecologista francesa Françoise D’Eaubonne no fim dos 70. A destruição da natureza e a subordinação das mulheres encontram sua origem num mesmo sistema, numa mesma macro-cultura (o patriarcado), afirmou e começou a correr o termo “ecofeminista”, para nomear esta convicção.???

Perguntamo-nos, por fim, pelas implicações que este “novo paradigma” teria na espiritualidade e na ética (as novidades foram discutidas por alguns/as, à luz das similitudes com muitos elementos de certas cosmovisões indígenas).

#### *As perguntas:*

Muitas perguntas foram saindo e circulando cada dia no seminário. Rabiscamos na hora algumas delas:

– Como falar de Deus desde o ecofeminismo (ou deste novo paradigma)? Aqui emergiu a discussão em torno à imanência/transcendência de Deus ou do sagrado e também a pergunta acerca da possibilidade de continuarmos tendo uma espiritualidade teísta ou uma concepção de Deus como “pessoa” nesta cosmovisão.

– E como entra a categoria de etnia e gênero neste ecofeminismo? Tanto as mulheres como as/os negros (mulheres e homens) têm sido situados/as pela cultura como “mais próximos à natureza” como uma maneira de inferiorizá-los. Serve-lhes então um discurso que, em certa medida, os faça regressar à natureza? Vinculadas a esta última interrogação aparecem na discussão questões em torno de se há ou não “essencialismo” na forma de entender a relação mulher-natureza nos posicionamentos ecofeministas? Não há, em certa medida, um romantismo ou idealização da natureza?

– Em nossos países muitos dos “atrasos” são vistos como “práticas ecológicas”; entretanto, muitos de nossos desejos de “progresso” estão marcados num modelo contaminador e depredador. Podemos encontrar pistas no ecofeminismo para pensar formas de desenvolvimento alternativas que nos permitam contrair a aceitação acrítica da “modernização” como única forma de entender o “progresso”? E [podemos encontrar] formas de organização da economia alternativas ao capitalismo neoliberal globalizado?

– Não estão já presentes nas culturas dos povos originários destas terras, muitos elementos da cosmovisão na qual se apoia o ecofeminismo? Por tudo isto, não poderia ser uma especificidade latino-americana o potencializar estas fontes na hora de articular um discurso “ecofeminista” (temos que nos perguntar se, neste caso, tem sentido conservar o término “ecofeminismo” para nomear este discurso).

Muitas outras questões ficaram em aberto, não apenas em torno ao ecofeminismo mesmo, mas também em relação às formas de entendermos a produção de conhecimento. Como fazemos “teoria” a partir de um “novo paradigma”? Que idéia

de “rigor” nós manejamos? Como podemos incorporar o corpo, as emoções, as intuições à produção de um conhecimento “academicamente”

válido? Quem valida ou invalida o conhecimento? Estas perguntas são suficientes para fazermos um novo seminário!

Tudo Bem!

